

# Pregue a Palavra

Vincent Cheung

Título do original:  
*Preach the Word*

Copyright © 2002 por Vincent Cheung. Todos os direitos reservados. Esta publicação não pode ser reproduzida, armazenada ou transmitida no todo ou em parte sem prévia autorização do autor ou dos editores.

Publicado originalmente por *Reformation Ministries International* ([www.rmiweb.org](http://www.rmiweb.org))  
PO Box 15662, Boston, MA 02215, USA

Tradução: Felipe Sabino de Araújo Neto.

Primeira edição em português: *Agosto de 2005*.

Direitos para o português gentilmente cedidos pelo autor ao site *Monergismo.com*.

Todas as citações bíblicas foram extraídas da *Nova Versão Internacional* (NVI), © 2001, publicada pela Editora Vida, salvo indicação em contrário.

## SUMÁRIO

<b>PREFÁCIO.....</b>	<b>3</b>
<b>1. O MANDATO DIVINO.....</b>	<b>4</b>
<b>2. PREGUE A PALAVRA.....</b>	<b>5</b>
<b>3. SOBRE O MÉTODO DE ENSINO .....</b>	<b>9</b>
<b>4. APRENDENDO FAZENDO.....</b>	<b>13</b>
<b>5. O USO DE ESTÓRIAS.....</b>	<b>17</b>
<b>6. UM MINISTÉRIO ABRANGENTE .....</b>	<b>22</b>
<b>7. NOTAS E ENTREGA.....</b>	<b>24</b>
<b>8. LITERATURA CRISTÃ.....</b>	<b>27</b>
<b>9. REFUTE! REPREENDA! RELEMBRE! .....</b>	<b>30</b>
<b>10. DEUS DÁ O CRESCIMENTO .....</b>	<b>33</b>

## PREFÁCIO

*Pregue a Palavra* era originalmente um ensaio contínuo sobre pregação e educação. Sendo assim, pode ser aparente ao leitor que cada capítulo tem uma íntima conexão com o anterior. A transição entre cada ponto é natural e lógica. Dividir o ensaio em diferentes capítulos, portanto, arrisca comprometer o senso de continuidade inerente em sua forma original.

Todavia, a convenção recomenda atribuir títulos de capítulo a cada seção, e assim eu o fiz, separando as várias porções do texto em suas divisões lógicas. Como o ensaio deveria ser dividido deve ficar óbvio, logo de início, ao leitor atento do texto original. Para preservar a possibilidade de ler o texto como um todo contínuo, confiando nas transições lógicas, antes do que nos títulos dos capítulos, eu deixei o texto sem alterações.

Assim, cada capítulo não tem a intenção de permanecer sozinho, mas como uma continuação do capítulo anterior. Contudo, eu suspeito que as divisões dos capítulos serão úteis para muitos leitores, visto que os indivíduos menos cuidadosos, e aqueles que se apressam nos materiais escritos num ritmo além de sua capacidade, freqüentemente falham em captar os pensamentos e intenções do autor.

Esse ensaio, agora apresentado como um livro, é estruturado ao redor de 2 Timóteo 4:1-3, e discute a pregação e a educação cristã. No processo, ele critica as teorias seculares sobre o método de aprendizagem, e exige um ministério de ensino e escrita abrangente da parte dos pregadores do evangelho. Que os capítulos seguintes possam servir para despertar o pregador para a seriedade de sua tarefa, e o crente para a sua responsabilidade de estudar as palavras da Escritura com toda diligência e reverência.

## 1. O MANDATO DIVINO

Invocar a deidade para testemunhar uma comissão formal ou um juramento é uma coisa séria, e, portanto, devemos perceber um dever da mais solene natureza sagrada quando Paulo começa o capítulo final de 2 Timóteo com as palavras: “Na presença de Deus e de Cristo Jesus, que há de julgar os vivos e os mortos por sua manifestação e por seu Reino, eu o exorto solenemente...” (2 Timóteo 4:1). Sejam quais forem as próximas palavras, é certo que alguém que teme a Deus e respeita a autoridade apostólica ficará totalmente alerta com um prefácio tão solene.

Esse encargo (NIV)<sup>1</sup> é dado “na presença de Deus e de Cristo Jesus”, fazendo com que Timóteo se tornasse extremamente consciente da examinação de Deus dos seus pensamentos e ações, à medida que ele recebe e cumpre o juramento feito sobre ele. Trazendo um foco cristológico para a invocação da deidade, Paulo designa Cristo como aquele que “há de julgar os vivos e os mortos”. O texto, dessa forma, lembra Timóteo que ele permanece responsável a Cristo em sua função como o juiz de todos, e o coloca sob esse juramento solene por “sua manifestação” e “seu Reino”. Esses termos ressoam com o tema escatológico nessa segunda carta a Timóteo.

Dizer que Cristo “julgará os vivos e os mortos” se tornou uma “fórmula semi-credal”<sup>2</sup> familiar na história da igreja primitiva. Por exemplo, *A Epístola de Barnabé* contém a seguinte declaração: “Se o Filho de Deus, que é Senhor e *julgará os vivos e os mortos*, sofreu para nos dar a vida por meio de seus ferimentos, acreditamos que o Filho de Deus não podia sofrer, a não ser por causa de nós”.<sup>3</sup> Policarpo, que segundo a tradição foi um discípulo de João, escreveu aos filipenses dizendo: “Por causa disso, cinjam suas cinturas...acreditado naquele que ressuscitou nosso Senhor Jesus Cristo da morte, e lhe deu a glória, e um trono a sua direita. Por ele todas as coisas no céu e na terra estão subordinadas..... ele vem como o *juiz dos viventes e dos mortos*...”.<sup>4</sup> Em adição, o Credo dos Apóstolos afirma: “Ele há de vir julgar os vivos e os mortos”.

Cristo julgará tanto aqueles que estiverem vivos em “sua manifestação”, bem como aqueles que tiverem morrido antes desse tempo, e que serão ressuscitados para julgamento. Ninguém escapa de sua autoridade e domínio — todos são responsáveis diante de Cristo pelo que eles crêem e fazem, mesmo quando eles negam isso no presente.

No mínimo, devemos dizer que tal apelo ao testemunho divino não ocorre casualmente, mas é reservado somente para questões de extrema importância e urgência. Sabendo que tudo isso fez com que Timóteo tomasse o que se segue seriamente, esse é também o modo como devemos considerar o encargo que Paulo dá a Timóteo no próximo versículo.

<sup>1</sup> Nota do tradutor: As citações desse livro, quando não informadas, são todas da NVI (Nova Versão Internacional). O autor usa a NIV (New International Version), a qual não é uma versão idêntica à NVI. Portanto, a indicação NIV durante o presente livro indica os casos nos quais essas diferenças ocorrem, onde eu forneço uma tradução diretamente da NIV.

<sup>2</sup> Gordon D. Fee, *New International Biblical Commentary: 1 and 2 Timothy, Titus*; Peabody, Massachusetts: Hendrickson Publishers, Inc., 1988; p. 284.

<sup>3</sup> *Early Christian Writings: The Apostolic Fathers*; New York: Penguin Putnam Inc., 1987; p. 167.

<sup>4</sup> *Ibid.*, p. 119.

## 2. PREGUE A PALAVRA

Imediatamente após a invocação de Deus como testemunha, o versículo 2 diz: “Pregue a Palavra, esteja preparado a tempo e fora de tempo, repreenda, corrija, exorte com toda a paciência e doutrina”. Tendo criado uma ávida expectativa e até mesmo alguma apreensão na mente do leitor, Paulo anuncia o que é que ele considera tão importante. “Pregue a Palavra”, ele diz. Sem dúvida a tendência comum em cristãos professos de hoje é rebelar-se contra tal mandamento, que o velho apóstolo ousou sugerir que a comunicação verbal das verdades bíblicas é o ministério supremo. Nós devemos, portanto, gastar um determinado tempo para absorver o significado e as implicações do que é pregar.

Uma análise completa da palavra traduzida por *pregar* pode necessitar de uma discussão mais longa do que aquela que é desejável nessa ocasião. Kittel fez tal estudo, e eu me oponho a várias das reivindicações principais de seu extenso artigo.<sup>5</sup> O “proclamar segundo a maneira de um arauto” de Thayer<sup>6</sup> é padrão, mas não significa muito para aqueles que falham em entender o que *proclamar* e *arauto* implicam.

Kenneth Wuest explica: “Imediatamente [a palavra] recordou à mente [de Timóteo] o Aauto Imperial, porta-voz do Imperador, proclamando numa maneira formal, grave e autoritária o que deve ser ouvido, a mensagem que o Imperador lhe deu para anunciar... Esse deve ser o padrão para o pregador hoje. Sua pregação deve ser caracterizada por aquela dignidade que vem da consciência do fato que ele é um arauto oficial do Rei dos reis. Isso deveria ser acompanhado por aquela nota de autoridade que ordena o respeito, a cuidadosa atenção e a reação apropriada dos ouvintes. Não há lugar para palhaçadas no púlpito de Jesus Cristo”.<sup>7</sup>

Essa é uma descrição geral excelente de pregação, e prenuncia algo do que direi nas próximas páginas. Contudo, eu pretendo, nesse estudo, não me confinar no que o termo significa estritamente. Ao invés disso, usarei o significado comum para a palavra *pregar* com relação ao seu uso no inglês. Essa não é uma forma pobre se admitida explicitamente, e é feita de forma que eu possa expor de uma maneira geral tudo o que se quer dizer quando nos referimos a pregação, ensino e educação.

*Didaskalia*, do grego, é traduzida por *ensino* em 1 Timóteo 5:17, e alguém pode discutir seu significado como oposto àquele designado por *pregar*. Sem ser ignorante das distinções entre essas e outras palavras relacionadas, nosso estudo continuará com o todo da instrução cristã em mente, quer na pregação, quer no ensino. Em outras palavras, eu estou interessado em discutir o que é comum ao escopo inteiro das instruções cristãs. Isso nos concede a oportunidade de introduzir palavras tais como *sermões* e *palestras* também. O leitor pode considerar isso como usando 2 Timóteo 4:2 como um ponto de partida para discutir diversos assuntos amplos que se aplicam a todos os discursos cristãos.

Muitos consideram um sermão como diferente de uma palestra. O primeiro é o que alguém ouve na igreja de um pregador — a estrutura retórica seguida, o conteúdo como qual é investido e o intento baseado no qual ele é entregue, são todos muito diferentes de uma

<sup>5</sup> Gerhard Kittel, ed., *Theological Dictionary of the New Testament*, Vol. 3; Grand Rapids, Michigan: William B. Eerdmans Publishing Company, 1965; p. 697-714.

<sup>6</sup> Joseph H. Thayer, *Thayer's Greek-English Lexicon of the New Testament*; Peabody, Massachusetts: Hendrickson Publishers, Inc., 2002 (original: 1896); p. 346.

<sup>7</sup> Kenneth S. Wuest, *The Pastoral Epistles in the Greek New Testament*; Grand Rapids, Michigan: William B. Eerdmans Publishing Company, 1999 (original: 1952), p. 154.

palestra. Sermões nem mesmo se assemelham, e pensamos que não deveriam, às palestras entregues em seminários cristãos. Nos seminários, o professor *palestra* aos seus alunos de forma que eles possam no futuro *pregar* às suas congregações. Alguns podem adicionar que as palestras tendem a serem tediosas, enquanto que os sermões podem pelo menos ocasionalmente serem interessantes, e eles são interessantes na extensão em que eles não se assemelham às palestras teológicas. Contudo, essa distinção é falsa, e perpetua um pensamento obscuro nas congregações bem como a mentalidade anti-intelectualista que procura dar-lhe justificação.

Visto que estarei interagindo com um ponto que Jay Adams faz em seu livro *Preaching with Purpose* [Pregando com Propósito], devemos começar primeiramente deixando-lhe definir seu uso da palavra *pregação*. A explicação é útil para ilustrar algo declarado logo acima, e, portanto, eu o citarei com certa extensão:

Estritamente falando, as principais palavras bíblicas traduzidas por “pregação” não correspondem exatamente àquela atividade a qual afixamos o rótulo. Elas são de certa forma limitadas em escopo. Essas palavras, *kerusso* e *euangelizo*, são usadas no Novo Testamento para descrever o ato de “proclamar” e “anunciar o evangelho”. Elas se referem a atividades evangelísticas. A primeira sempre tem a ver com proclamação pública das boas novas, enquanto que a última pode ser usada para descrever o ato de fazer o evangelho conhecido tanto a grupos como a indivíduos não-salvos...

Por outro lado, a palavra *didasko*, traduzida como “ensinar”, corresponde mais ao nosso uso moderno da palavra pregar, e tem a ver com a proclamação da verdade entre aqueles que já crêem no evangelho... Embora às vezes *didasko* pareça também ser limitada ao falar evangelístico, e ocasionalmente seja possível que *kerusso* possa se referir à pregação aos santos...<sup>8</sup>

Há, então, dois tipos de pregação (por causa de um uso profundamente impregnado da palavra inglesa, eu usarei o termo “pregação” para cobrir tanto o falar evangelístico como o pastoral): a pregação evangelística (proclamar, anunciar as boas novas) e a pregação pastoral ou de edificação (ensino).<sup>9</sup>

Isso não somente nos fornece o entendimento de Adams do uso bíblico dos termos, mas também proporciona justificação para o nosso procedimento presente, que é discutir pregação em geral como se referindo a todas as oratórias cristãs — quer com propósitos evangelísticos, quer para instruir e edificar os crentes.

Então Adams explica a diferença entre palestrar e pregar dessa forma: “[Na palestra] o pregar faz um bom trabalho de considerar a exegese histórico-gramatical da passagem que está sendo pregada, considera-a teologicamente e retoricamente, e então — simplesmente diz à sua congregação o que ela significa. Sua resposta, e conseqüentemente a deles também, é dizer: ‘Bem, agora eu a entendo’, e é isso! Isso não é pregação. A verdadeira pregação faz tudo descrito acima, mas ela também identifica o *telos* (propósito) da passagem, constrói a

<sup>8</sup> Adams cita nosso texto, 2 Timóteo 4:2, como um exemplo onde *kerusso* significa a “pregação” que é direcionada aos crentes. O versículo não se refere somente à pregação evangelística, visto que o contexto dita de outra forma.

<sup>9</sup> Jay E. Adams, *Preaching With Purpose*; Grand Rapids, Michigan: Zondervan Publishing House, 1982; p. 5-6.

mensagem ao redor dele, e chama a congregação a uma resposta que seja apropriada a ele. Ele trabalha para mudança”.<sup>10</sup>

Será instrutivo ver o que está errado com o exposto acima. Adams reivindica que a palestra tem como objetivo dar entendimento, enquanto que a pregação dá *tanto* entendimento, como também “trabalha para mudança”. Eu recuso essa forma de distinção entre os dois visto que ele ignora os significados ordinários de ambas as palavras no inglês, constrói suas próprias definições, e apresenta-as novamente para destacar a diferença.

*Merriam-Webster's Collegiate Dictionary*<sup>11</sup> define a palavra *pregar* como “entregar um sermão” e por *sermão* quer-se dizer “um discurso religioso entregue em público, geralmente por um clérigo, como uma parte de um serviço de adoração”. Ele define *palestra* como “um discurso dado diante de uma audiência ou classe especialmente para instrução”. De acordo com essas definições, um *sermão* é meramente uma *palestra* com intento e conteúdo religioso, assim, fazendo do primeiro um sub-sistema do último, e não um tipo totalmente diferente de discurso. Adams, portanto, meramente impõe sobre nós suas definições privadas desses termos.

Também, note que até mesmo quando o pregador diz à congregação o que o texto significa numa palestra, Adams implica que ele esconde de sua audiência a pesquisa realizada nos bastidores. Os ouvintes são privados do seu “considerar a exegese histórico-gramatical da passagem que está sendo pregada”, bem como dos assuntos teológicos e retóricos. Ele “considera” os materiais, mas não os apresenta a eles. Mas essas coisas não são benéficas para os crentes aprenderem?

Minha definição de uma palestra, e assim, de um sermão também, permite a inclusão da pesquisa de fundo na entrega, bem como os elementos comuns tais como uma exposição do tópico ou do texto. Ela tem como objetivo informar e persuadir, e certamente “trabalhar para mudança”. Todavia, ela ainda é uma palestra em cada aspecto — conteúdo, estrutura, estilo e assim por diante. Contudo, reconhecemos que a maioria dos *insights* teológicos e exegéticos falham em se tornar parte do produto final. Isso é somente devido à sensibilidade para com os ouvintes menos avançados, e também pela impossibilidade de incluir todas as informações relevantes numa apresentação relativamente breve. Tal conteúdo nunca é excluído como uma regra, mas somente devido às restrições necessárias.

Em seu livro sobre palestrar, Donald Bligh escreve: “Na política as palestras são chamadas de discursos. Nas igrejas elas são chamadas de sermões. Chame-as do que você quiser; de fato, elas são exposições mais ou menos contínuas de um orador que quer que a audiência aprenda algo”.<sup>12</sup> Assim, eu não estou sozinho em declarar que um sermão é uma palestra. Mas até mesmo Bligh impõe restrições às palestras que são injustificadas.

Se afirmar que uma palestra tem a intenção de que a audiência “aprenda algo” é dito como uma restrição, então isso deve ser negado. Porque “aprender”, para usar o primeiro significado do *Merriam-Webster's*, ou seja, “ganhar conhecimento ou entendimento de, ou habilidade, em estudo, instrução, ou experiência” é muito restrito. Mas o terceiro significado

<sup>10</sup> Ibid., p. 43.

<sup>11</sup> *Merriam-Webster's Collegiate Dictionary, Tenth Edition*; Springfield, Massachusetts: Merriam-Webster, Inc., 2001.

<sup>12</sup> Donald A. Bligh, *What's The Use of Lectures?*; San Francisco, California: Jossey-Bass Publishers, 2000; p. 4.

é aceitável: “vir a conhecer”. A palestra tem a intenção de comunicar algo, de forma que a audiência possa “vir a conhecer” os pensamentos do orador. Nós ignoraremos os outros defeitos da obra de Bligh por ora.



### 3. SOBRE O MÉTODO DE ENSINO

Uma palestra não é limitada à apresentação de fatos, mas também de argumentos e exortações. Isso é frequentemente feito até mesmo nas salas de aula seculares, assim, é estranho como alguém possa definir uma palestra de outra forma. Muitos são preconceituosos contra algo que carregue uma conotação acadêmica, como a palavra *palestra* carrega, e assim, eles a definem de uma forma que a torne vulnerável às críticas deles. Eles protestam contra minha definição de sermão como uma palestra porque isso torna a pregação muito acadêmica em natureza. Mas essa é minha afirmação, que o sermão deve ser mais acadêmico do que comumente concebido. Não é suficiente fornecer à audiência somente as descobertas mais superficiais de nossa pesquisa bíblica.

Os pregadores devem aplicar aos seus sermões a recomendação de Mortimer Adler com respeito à palestra:

Sempre arrisque falar acima das cabeças deles!... Não prejudicará se algumas das coisas que você disser possam estar além do alcance delas. É muito melhor para eles ter o senso de que tiverem sucesso em adquirir alguma iluminação pelo esforço deles de captar (mesmo que tenham também o senso de que algumas coisas que deveriam ser entendidas escaparam deles) do que se eles se assentassem ali se sentindo insultados pela maneira condescendente na qual você lhes fala.

Os livros verdadeiramente grandes, eu tenho dito repetidamente, são os poucos livros que estão acima da cabeça de todos durante o tempo todo. Isso é o porquê eles são interminavelmente relidos como instrumentos a partir dos quais você pode continuar aprendendo mais e mais a cada nova leitura. O que você chega a entender cada vez é um passo ascendente no desenvolvimento de sua mente; assim também é sua compreensão de que resta ainda algo a ser entendido por esforço adicional da sua parte.

... O que é verdade de livros para serem lidos, é verdades de palestras para serem ouvidas. As únicas palestras que são intelectualmente proveitosas para alguém ouvir são aqueles que aumentam o conhecimento e alargam o entendimento de uma pessoa.<sup>13</sup>

Pregar é dar uma palestra, e deve ser algo intelectualmente maduro em conteúdo. Certamente, ao orador é permitido ajustar o conteúdo ao nível de entendimento atual da audiência e outras limitações (tal como atenção), mas não ao ponto em que se torne inteiramente confortável, e assim, não promova nenhum crescimento neles para acomodar mais materiais avançados no futuro.

Embora para muitos seja anátema sugerir que a Bíblia ordena o crescimento intelectual, e numa forma definitiva o equacione com a santificação, isso é de veras o que ela ensina: “Portanto, deixemos os ensinamentos elementares a respeito de Cristo e avancemos para a maturidade” (Hebreus 6:1); “Quem se alimenta de leite ainda é criança, e não tem experiência no ensino da justiça. Mas o alimento sólido é para os adultos, os quais, pelo exercício

---

<sup>13</sup> Mortimer J. Adler, *How to Speak, How to Listen*; New York: Touchstone, 1983; p. 61-62.

constante, tomaram-se aptos para discernir tanto o bem quanto o mal” Hebreus 5:13-14); “Irmãos, deixem de pensar como crianças. Com respeito ao mal, sejam crianças; mas, quanto ao modo de pensar, sejam adultos” (1 Coríntios 14:20); “...e se revestiram do novo, o qual está sendo renovado em conhecimento, à imagem do seu Criador” (Colossenses 3:10).

Há muitas outras passagens relevantes disponíveis, mas procederemos agora a um exame e refutação de diversas objeções e teorias alternativas, e no processo refinaremos nosso entendimento da tarefa de pregação como tem sido estabelecida até aqui. Nós nos depararemos com as idéias que as pessoas têm com respeito à pregação e educação que resultarem de teorias seculares sobre educação, antes do que de modelos bíblicos.

Embora os professores ainda achem o palestrar indispensável na sala de aula, os modelos de educação contemporânea tendem a favorecer o papel da discussão e da participação ativa. Presumivelmente, isso estimula os estudantes ao pensamento original, mas o observador honesto deve admitir que o que acontece como um pensamento criativo na sala de aula é mais frequentemente tolice cultivada novamente.

Para citar o grande teólogo e educador J. Gresham Machen:

O estudante não graduado de hoje em dia está ouvindo que ele não precisa tomar notas do que ele ouve na sala de aula, que o exercício da memória é uma coisa infantil e mecânica, e que o que ele realmente tem de fazer no colégio é pensar por si mesmo e unificar o seu mundo. Ele frequentemente faz um pobre negócio unificando o seu mundo. E a razão é clara. Ele não tem sucesso em unificar o seu mundo pela simples razão de que ele não tem nenhum mundo para unificar. Ele não adquiriu um conhecimento de um número suficiente de fatos para ao menos aprender o método de colocar os fatos juntos. Está sendo lhe dito para praticar o negócio de digestão mental; mas o problema é que ele não tem alimento para digerir. O estudante moderno, contrário ao que é dito, está sendo realmente privado de desejar fatos...

Nós professores levantamos de nossas mesas de professor, é dito, e começamos a palestrar. É esperado que os estudantes indefesos não somente ouçam, mas tomem notas... Tal sistema — assim a acusação corre — reprime toda originalidade e toda vida... Uma quantidade de detalhes armazenadas na mente em si mesma não produz um pensador; mas por outro lado, o pensamento é absolutamente impossível sem essa quantidade de detalhe. E é justamente essa última operação impossível, de pensamento sem os materiais de pensamento, que está sendo advogada pela pedagogia moderna e sendo colocada em prática também pelos estudantes modernos... Na presença dessa tendência, cremos que os fatos e o trabalho duro devem novamente recuperar os seus direitos: é impossível pensar com uma mente vazia.<sup>14</sup>

Tal ponto simples escapa de especialistas em educação. Machen publicou pela primeira vez o seu livro em 1925. Os estudantes têm se tornado mais idiotas durante décadas, mas o sistema continua a privá-los de informação prontamente disponível se eles apenas permitirem muitas horas de palestras e leituras de compêndios.

Ao acima, eu adicionarei somente que até mesmo o próprio pensamento pode ser ensinado e demonstrado através de palestras e compêndios. Por outro lado, numa sala de aula que

<sup>14</sup> J. Gresham Machen, *What is Faith?*; Carlisle, Pennsylvania: The Banner of Truth Trust, 1991 (original: 1925); p. 16-17, 19-20.

favorece a discussão como um dispositivo pedagógico, não é, todavia, muito importante discutir se os estudantes não conhecem algo sobre o assunto em pauta. Antes do que aprender primeiro do instrutor, e então talvez refinar e até mesmo corrigir seu ensino, os estudantes ignorantes são encorajados a fingirem ser especialistas.

O mesmo problema existe na igreja hoje. Os pregadores são ensinados a se focarem na aplicação das verdades bíblicas, mas o problema é que tanto eles como as suas congregações conhecem muito pouco sobre a Bíblia para que algo seja aplicado. Machen também disse algo sobre isso:

Se o crescimento de ignorância é lamentável na educação secular, ele é dez vezes pior na esfera da religião cristã e na esfera da Bíblia. As salas de aula da Bíblia de hoje frequentemente evitam um estudo dos conteúdos reais da Bíblia, assim como eles evitariam a peste ou a doença; para muitas pessoas na Igreja, a noção de pegar os simples conteúdos históricos da Bíblia é uma idéia inteiramente nova.

Quando alguém é solicitado a pregar numa igreja, o pastor algumas vezes pede ao pregador visitante para conduzir sua sala de aula da Bíblia, e algumas vezes lhe dá uma dica de como a sala é ordinariamente conduzida. Ele diz que a torna muito prática; que dá à classe dicas de como viver durante a semana seguinte. Mas quando eu, da minha parte, conduzo tal sala de aula, eu mais enfaticamente não darei aos membros dicas de como viver durante a semana seguinte... uma sala que não recebe nada mais do que direções práticas está muito pobremente preparada para viver. E assim, quando eu conduzo uma sala de aula, eu tento dar-lhes o que eles não adquirem em outras ocasiões; eu tento ajudá-los a captar diretamente em suas mentes os conteúdos doutrinários e históricos da religião cristã.<sup>15</sup>

Minhas longas citações de Machen são justificadas por quão peculiar as visões que ele expõe devem soar a muitos crentes. Mas eu não estou sozinho em pensar dessa forma, e certamente não sou o primeiro a identificar o problema, nem o seu remédio.

A educação cristã não deve ser uma democracia, onde todos são considerados como tendo idéias valiosas para contribuir; ela não é primariamente pragmática, onde alguém é controlado pelo “dá-me algo que eu possa usar!”, mentalmente tão comum na audiência influenciada secularmente. Mas nós estamos arguindo contra os sintomas aqui: o acusado real é o anti-intelectualismo, do qual as idéias tolas sobre pregação e educação crescem, e a solução é o intelectualismo bíblico.

Brookfield e Preskill produziram um volume chamado *Discussion as a Way of Teaching: Tools and Techniques for Democratic Classrooms*.<sup>16</sup> O título revela que “a discussão como um caminho de ensino” é governada por e pressupõe a democracia como um ideal, e aplica-a até mesmo à aquisição de conhecimento. Contudo, o conhecimento cristão é baseado na revelação e autoridade, não na democracia. Nem todos têm direito à sua opinião. Nós temos que crer no que Deus nos diz para crer, e muitos sofrerão a condenação eterna por crer nas coisas erradas. Além do mandamento bíblico para obedecer e ouvir os seus líderes espirituais, a maioria dos cristãos está automaticamente excluída de falar muito na igreja devido às suas crenças errôneas. Eles devem permanecer quietos, e aprender. Em conexão com isso, aquelas

<sup>15</sup> Ibid., p. 20-21.

<sup>16</sup> Stephen D. Brookfield and Stephen Preskill, *Discussion as a Way of Teaching: Tools and Techniques for Democratic Classrooms*; San Francisco, California: Jossey-Bass Publishers, 1999.

sessões de estudos da Bíblia que permitem expressões irrestritas das opiniões de todo mundo são muito destrutivas.

Sem a troca de idéias na sala de aula, se não na igreja, como os estudantes têm que supostamente interagir com outras idéias além daquelas expostas pelo professor? A discussão democrática entre colegas incompetentes é a pior forma de responder a essa questão. Por que não ouvir mais de um professor palestrando sobre o mesmo assunto? Ou porque não ler livros-textos de especialistas no campo?

Robert Hutchins chama a troca de idéias efetuada através de obras intelectuais produzidas na história ocidental de “The Great Conversation” [A Grande Conversação]<sup>17</sup>. Tal conversação é maior do que qualquer uma que possa acontecer nas salas de aula de cursos de colégios. Meu conselho é desenvolver pensadores cristãos: fale menos<sup>18</sup>, leia a Bíblia e as grandes obras teológicas, e leia os clássicos.

---

<sup>17</sup> *The Great Conversation*; Encyclopedia Britannica, Inc., 1994 (original: 1952); p. 46-73.

<sup>18</sup> Veja Provérbios 10:19, 13:3, 15:2, 17:27, 21:23; Eclesiastes 5:2; Tiago 1:26, 3:2.

## 4. APRENDENDO FAZENDO

Outro modelo educacional favorito é “aprendendo fazendo”, ou aprender por experiência. Para aprender dessa forma, alguém deve interagir com o objeto do qual ele procura conhecimento, seja ele um esforço atlético, um experimento científico, uma situação social ou a vida em geral. Através dos desafios e *feedbacks* de tais experiências, o estudante supostamente deriva princípios apropriados para retenção, os quais ele pode aplicar a outras situações similares.

Este método de aprendizagem é impossível. Alguém que não sabe como realizar uma dada tarefa de forma alguma, não pode nem mesmo começar, a menos que alguém, através de instruções verbais, seja na forma de palestras ou livros (ou outros equivalentes informais), lhe conte os princípios elementares. Quando isso é feito, a pessoa não está mais aprendendo por experiência, mas através de comunicação intelectual. Ele está meramente aplicando o que ele aprendeu à experiência. E se ele pode ser informado sobre os fundamentos, ele talvez possa aprender também as matérias mais avançadas de uma maneira similar.

Contudo, alguns podem objetar: mesmo que alguém deva primeiro aprender o suficiente para começar, ele não aprende mais tarde a partir de sua experiência, enquanto aplicando o seu conhecimento? O problema com isso é que ninguém pode, sem ter antes conhecimento ou pressuposições relevantes, escolher dos muitos eventos e fatores singulares dentro das suas experiências e derivar objetivamente proposições verdadeiras delas. Um número infinito de proposições podem ser derivadas de cada experiência, e o que uma pessoa “aprende” de cada uma dessas depende de sua cosmovisão, já pressuposta. A mesma série de circunstâncias pode instilar paciência num, e cinismo noutro.

Arthur Holmes aponta: “...supor ser a própria experiência não-analisada um professor todo-competente pressupõe uma teoria empirista de conhecimento, que é hoje em dia altamente suspeita. A visão do século XVIII de que podemos reunir dados fragmentados e aparecer com generalizações e explicações causais simplesmente não suporta o exame detalhado. A observação empírica não é inteiramente objetiva mas seletiva, guiada por suposições teóricas e interesses pessoais. Isto se tornou evidente na obra recente sobre a história da ciência: e se a experiência não é suficiente para a ciência, como ela pode ser suficiente para a educação?”<sup>19</sup>

Ele está correto com a qualificação de que o empirismo é “altamente suspeito” somente em certos círculos acadêmicos, e permanece popular entre a população menos informada. Geralmente leva muitos anos para que as idéias gotejem da desprezada “torre de marfim” — que é na verdade o centro de comando do mundo — para aqueles que são desinteressados em debates acadêmicos, e que falsamente se imaginam relativamente livres da influência dos eruditos obscuros. Permanece que ninguém pode jamais aprender a partir da própria experiência, mas todo observador traz sua cosmovisão inteira para a situação, e a avalia através de suas pressuposições, que por sua vez, governam o modo como ele processa toda informação encontrada.

Quando esta dificuldade é pressionada contra a educação secular, ela pode somente resultar em completo cepticismo com respeito à realidade. Por outro lado, quando o cristão é desafiado com tais assuntos, ele responde com a revelação verbal lhe dada pelo onipotente

<sup>19</sup> Arthur F. Holmes, *The Idea of a Christian College*; Grand Rapids, Michigan: William B. Eerdmans Publishing Company, 1999 (revised: 1987; original: 1975); p. 89.

criador: Deus. Todas as proposições dedutíveis da revelação divina são corretamente consideradas conhecimento. Mas se é assim, o conhecimento vem da revelação e não da dedução, nem da experiência.

Holmes, numa seção chamada, “Pragmatismo na Educação Experimental”, descreve a teoria da aprendizagem por experiência da seguinte forma: “Experiência é uma imersão num processo natural, ou senso de segurança desafiado por problemas imprevistos que demandam solução... Todo aprendizado é, portanto, situacional... Aprender é aprender ajustar. Até mesmo a sala de aula simula a experiência de vida, antes do que explorar uma herança da verdade e valores”.<sup>20</sup>

Para dizer algo mais sobre a torre de marfim, a maioria das pessoas se esquecem que o aprendizado por experiência é uma filosofia secular promovida por John Dewey que, como Holmes então diz, estava “em [seu] pensamento, simplesmente uma aplicação da teoria da seleção natural”<sup>21</sup> — isto é, uma doutrina evolucionista. Ela é baseada em suposições filosóficas não-cristãs.

A atitude desenfreada nas igrejas de hoje de que devemos “experimentar a Deus” antes do que falar sobre Ele, além de exibir um falso senso de piedade, é baseada num sistema filosófico hostil à fé cristã. Nós crescemos no conhecimento de Deus lendo a Escritura, ouvindo pregadores que respeitam a autoridade bíblica, ocupados com reflexões teológicas, e constantemente discutindo as coisas de Deus com cuidado e reverência.

Outro escritor tem isto para dizer: “Um *slogan* liberal popular tem sido ‘aprender fazendo’. Assim, os garotos de dez anos de idade fumam maconha, provam o sexo e cravam uma faca na costela de outro garoto. Eles aprendem fazendo. Aparentemente alguns educadores nunca suspeitaram que algumas coisas não deveriam ser feitas e nem aprendidas. Mas o pupilo não é competente para decidir tais questões”.<sup>22</sup> De modo oposto, “O educador cristão...está convencido que o popular *shibboleth*, aprender fazendo, é desmascarado quando vemos que o mal, aprendido de tal maneira, causa um dano irreparável”.<sup>23</sup>

O estudo atual diz respeito principalmente com a pregação, e embora discutir as teorias da educação não seja tanto um rodeio, uma filosofia completa da educação deve ser reservada para outro cenário. Por ora, é suficiente dizer que aprender fazendo é uma teoria anti-cristã, e até mesmo esporte e carpintaria pode se ensinar de uma forma consistente com o modelo bíblico. Nós fornecemos primeiro a base teológica, e então, se houver tempo, a aplicação. O desenvolvimento adicional ocorre através de reflexões teóricas adicionais. Esse modelo invariavelmente implica que uma pessoa apropriadamente educada possuirá muito mais conhecimento do que sua vida e vocação requerem dele.

Pela razão de que o conhecimento de alguém não deve ser limitado por preocupações pragmáticas, eu julgo o “aprendendo fazendo”<sup>24</sup> de Jay Adams inadequado também. Ele falha em produzir um estudante superior porque como certo conhecimento pode ser aplicável nem sempre é óbvio; isso é verdade até mesmo de doutrinas bíblicas. Se formos limitar nosso

<sup>20</sup> Ibid., p. 88-89.

<sup>21</sup> Ibid., p. 89.

<sup>22</sup> Gordon H. Clark, *A Christian Philosophy of Education*; The Trinity Foundation, 2000 (original: 1946); p. 52.

<sup>23</sup> Ibid., p. 134.

<sup>24</sup> Jay E. Adams, *Back to the Blackboard: Design for a Biblical Christian School*; Woodruff, South Carolina: Timeless Texts, 1998 (original: 1982); p. 126.



aprendizado somente ao conhecimento que pode ser aplicado, nossas vidas limitadas implicariam num escopo igualmente restrito para a aquisição de conhecimento e habilidade.

Adams escreve, “O aprendizado ocorre quando uma pessoa sabe que o que ela deve estudar é essencial para realizar o que ela quer alcançar”.<sup>25</sup> Este será o produto — uma pessoa que conhece somente o essencial. Quantos estudantes de contabilidade estariam então interessados em cosmologia? Sem dúvida mui poucos perceberão a necessidade de ler Homer ou Milton. O conhecimento só é muito requerido para um determinado campo, e sob o esquema do aprender para fazer, uma pessoa não encontrará nenhuma justificativa para continuar seus estudos após ter alcançado o nível necessário de proficiência, e ainda menos razão para estudar materiais não relacionados com as suas necessidades.

O modelo correto que maximiza o aprendizado e a competência é perceber o conhecimento, especialmente o conhecimento teológico, como inerentemente valioso, quer a pessoa encontre ou não ocasião para aplicá-lo. Os americanos pragmatistas ficam horrorizados com a sugestão de que o conhecimento deve ser adquirido por causa dele mesmo, mas eu não tenho respeito pelo pragmatismo americano. Ele produz pensadores superficiais e trabalhadores incompetentes.

Contudo, certo conhecimento teológico demanda obediência e alterações drásticas no modo como pensamos e vivemos; se é assim, devemos obedecer, e isso é aplicação. Isso permite um busca interminável de conhecimento, especialmente com relação às coisas de Deus, assim como prepara a aplicação onde o conhecimento e as necessidades reais coincidem. Mas isso também significa que na aquisição de conhecimento, a aplicação nunca merece o foco principal.

Esse modelo de educação é pesado na teoria, e leve na aplicação; ele enfatiza mais o pensar do que o fazer — muito mais. Embora eu seja receoso de endossos empíricos, pesquisas na psicologia dos esportes sugerem que a repetição mental, com um mínimo de prática real, pode ser tão eficaz em aprimorar a performance como o treinamento físico regular. O ponto é que, com ou sem o apoio de tais estudos, essa estratégia de aprendizado se aplica até mesmo a áreas que parecem ser mais físicas do que intelectuais. Nós ensinamos para a mente, e aprendemos pela mente.

No final, essa forma de educação produz os mais brilhantes pensadores que acham suas tarefas diárias fáceis de manusear, visto que seu conhecimento e capacidade excedem em muito aos reais requerimentos. Na igreja, sejamos mais parecidos com Maria do que com Marta. A última “estava ocupada com muito serviço” (Lucas 10:40), mas Jesus disse que “Maria escolheu a boa parte, e esta não lhe será tirada” (v. 42), pois ela “ficou sentada aos pés do Senhor, ouvindo a sua palavra” (v. 39). Incidentalmente, essa passagem em Lucas mostra que é mais importante para as mulheres estudar teologia do que fazer os serviços diários de casa.

Ainda, muito insistem que palestras e livros-textos não são substitutos para a experiência de vida, mas isso é porque eles nunca leram um livro-texto onde o autor tenha registrado sua experiência de vida para outros lerem. Quem nos impedirá de ler sobre as experiências de centenas de pessoas ao invés de ter somente a nossa? Todavia, princípios derivados da experiência de vida, seja dos outros ou da nossa, não são confiáveis e são frequentemente

---

<sup>25</sup> Ibid., p. 127.

claramente falsos. Na teologia, nossa experiência de vida nunca produzirá conhecimento que se aproxime do *status* da revelação divina, de forma que podemos abandonar também tal método de aprendizagem.



## 5. O USO DE ESTÓRIAS

Assumamos, após as páginas anteriores, que a legitimidade da pregação ou da palestra, como a maneira apropriada de ensinar, tem sido aceita. Ainda resta várias teorias e ênfases falsas entre aqueles que favorecem, ou pelo menos parecem favorecer, tal abordagem para com o ensino. Examinaremos duas delas; elas pertencem aos papéis do humor e das estórias na pregação.

Visto que eu pretendo gastar mais tempo discutindo os casos das estórias, descartaremos rapidamente uma ênfase sobre humor na pregação, mesmo que ela mereça um argumento mais extensivo em outro lugar. O humor pode ser conectado com a alegada necessidade de fazer os sermões interessantes, e assim, não negligenciaremos muito essa questão, visto que isso é algo que iremos contra mais tarde. Por ora, note que o humor não adiciona nenhuma informação inatingível através do discurso regular. Ele não tem justificação escriturística, e muitos podem considerar o seu uso, especialmente se aplicado em abundância, como sendo irreverente.

Algumas vezes as pessoas reivindicam achar certas partes da Bíblia como sendo humorísticas, mas isso não diz nada sobre se os autores bíblicos pretenderam entreter os seus leitores dessa forma. Apenas porque alguém acha algo divertido não significa que esse algo pretendia ser uma piada. Se os ouvintes encontram humor em algo que o ministro seriamente afirma, tudo bem — pelo menos o contexto denuncia a irreverência deles. De outra forma, que o pregador gaste tempo em seu estudo para ler um capítulo adicional de teologia sistemática antes do que confeccionar anedotas humorísticas. O uso de humor como um instrumento para aumentar a comunicação vem da teoria secular e da experiência humana, e não pode ser justificado a partir da Escritura.

Verdade, o “coração alegre é bom remédio” (Provérbios 17:22), mas quão bom é uma pessoa que pode ser alegre somente quando bombardeada com piadas? O versículo não indica como alguém se torna alegre — eu posso ficar totalmente feliz lendo o argumento ontológico de Anselmo ou a genealogia de Cristo. O que nós sabemos é que a Bíblia não é cheia de piadas. Para mim, a questão não é se devemos incluir humor em nossa pregação, mas se devemos deliberadamente nos abster dele. Sem estabelecer esse ponto final, procederemos a discutir o uso de estórias na pregação.

O uso de estórias é frequentemente recomendado na pregação por duas razões: fazer a mensagem mais acessível e sustentar a atenção e interesse da audiência. Visto que estaremos em breve tratando da alegada necessidade de fazer os sermões interessantes, aqui endereçaremos somente a primeira razão, principalmente mostrando que estórias frequentemente impedem a comunicação.

Desde o início, devemos apontar que estórias podem ser muito difíceis de entender. Isso é ilustrado por como os estudantes americanos lêem seus romances nas aulas de literatura. Muitas interpretações fantasiosas podem ser dadas, enquanto os autores podem não ter tentado nenhuma delas. Os professores dizem que isso não importa, contudo, realmente importa se um autor pretende comunicar informação definida ao leitor. A tolice da sala de aula americana tem sido levada para a igreja, de forma que os crentes tendem a derivar interpretações puramente subjetivas do texto bíblico, e se importam pouco com o significado pretendido de uma passagem.

*Alice no País das Maravilhas* é tão difícil de entender que ele requer as notas extensivas de *The Annotated Alice* [A Alice Anotada],<sup>26</sup> de Martin Gardner, para expor numerosas referências matemáticas, filosóficas, políticas e outros tipos de referências espalhadas por toda a estória. A sobrecapa diz que “foi Gardner quem primeiro decodificou muitos dos enigmas matemáticos e jogo de palavras que estão com perspicácia embutidos” nas estórias de Lewis Carroll. Mesmo então, alguém se maravilha se algumas de suas anotações não são mais especulativas do que factuais.

O estudante moderno não tem chance de entender Carroll sem muita assistência — dada no discurso claro ao invés da forma narrativa. E quantos podem perceber as referências teológicas em *As Crônicas de Nárnia* de C.S. Lewis e no *O Senhor dos Anéis*, de J. R. R. Tolkien?<sup>27</sup> Até adultos nem sempre captam as lições nas fábulas de Aesop e do Dr. Suess. E precisamos mencionar Shakespeare? Estórias requerem explicações explícitas, pelos autores ou por outros indivíduos qualificados, ou se arrisca produzir uma miríade de interpretações falsas.

A Bíblia contém estórias que não contradizem o exposto acima, embora muito do que está na Bíblia deve ser apropriadamente chamado de *história*, e não de *estória*. A questão é o papel das narrativas na *pregação*. Como será demonstrado brevemente, a partir da Escritura, a pregação deveria explicar as estórias da Bíblia por meio do discurso claro e literal, ao invés de adicionar ainda mais estórias por parte do orador. Na pregação nós expomos a revelação verbal de Deus, ao invés de seguir sua forma de apresentação. Apenas porque a Bíblia contém muitos poemas, provérbios e salmos, não significa que o ministro deva pregar nessas formas literárias.

Marcos 4:33 pode parecer para alguns como inconsistente com o que tem sido dito até aqui com respeito às estórias: “Com muitas parábolas semelhantes Jesus lhes anunciava a palavra, tanto quanto podiam receber”. O versículo nos faz reconhecer que há um sentido no qual as parábolas podem ser entendidas sem explicação extensiva, mas qual é esse sentido ainda deve ser visto.

Primeiro, devemos ler tanto o versículo 33 como o 34: “Com muitas parábolas semelhantes Jesus lhes anunciava a palavra, tanto quanto podiam receber. Não lhes dizia nada sem usar alguma parábola. Quando, porém, estava a sós com os seus discípulos, explicava-lhes tudo”. Imediatamente podemos concluir que as multidões não entendiam tudo o que podia ser inferido das suas parábolas, de outra forma ele não precisaria explicá-las aos seus discípulos. Jesus fala às multidões em parábolas, e eles podiam entendê-las num certo sentido, e então ele se voltava aos seus discípulos e explicava-as em particular, de forma que o último grupo podia entendê-las num sentido ou numa extensão não aplicável às multidões.

Muitos comentaristas são tão ávidos em afirmar que Jesus desejava que as multidões entendessem o que ele dizia, que a exegese deles de Marcos 4:33 falha em levar em conta o versículo 34 e outras passagens que negam que as parábolas fossem fáceis de entender. Larry Hurtado relega Marcos 4:12 e 33 a algum tipo de “ironia profética”.<sup>28</sup> Matthew Henry é

<sup>26</sup> *The Annotated Alice: The Definitive Edition*; W. W. Norton & Company, 1999.

<sup>27</sup> Kurt D. Bruner and Jim Ware, *Finding God in the Lord of the Rings*; Tyndale House Publishers, 2001; Mark Eddy Smith, *Tolkien's Ordinary Virtues: Exploring the Spiritual Themes of the Lord of the Rings*; InterVarsity Press, 2002.

<sup>28</sup> Larry W. Hurtado, *New International Biblical Commentary: Mark*; Peabody, Massachusetts:

melhor: “...ele buscou suas comparações daquelas coisas que eram familiares a eles...em condescendência à capacidade deles; embora ele não lhes levou ao *mistério* das parábolas...”.<sup>29</sup>

John Gill observa que Jesus “condescendeu à fraqueza deles, se acomodou às capacidades deles... fez uso das similitudes mais claras; e tomou suas comparações das coisas na natureza, as mais conhecidas e óbvias”. Contudo, “ele falou a palavra a eles em parábolas, como se eles fossem capazes de ouvir, sem entendê-las; e de tal maneira, com o propósito de que eles não pudessem entender”.<sup>30</sup> As parábolas ou estórias em si são simples o suficiente, mas as verdades teológicas representadas podem não ser claras aos ouvintes.

Mateus 13:1-23 segue o mesmo padrão — Jesus conta a parábola do semeador nos versículos 3-9, e explica seu significado aos seus discípulos nos versículos 18-23. No versículo 10, os discípulos perguntam a Jesus: “Por que falas ao povo por parábolas?”. Ao invés de dizer que as parábolas contribuem para o entendimento, Jesus responde: “A vocês foi dado o conhecimento dos mistérios do Reino dos céus, *mas a eles não*... Por essa razão eu lhes falo por parábolas: ‘Porque vendo, eles não vêem e, ouvindo, não ouvem nem entendem’. Neles se cumpre a profecia de Isaías: ‘Ainda que estejam sempre ouvindo, vocês nunca entenderão; ainda que estejam sempre vendo, jamais perceberão’” (v, 11,13-14).

Não importa o entendimento que as multidões podiam receber, as parábolas tinham a intenção de ocultar deles “o conhecimento dos mistérios do Reino dos céus”. Tal entendimento é dado somente àqueles a quem Cristo escolhe concedê-lo. À luz disso, Marcos 4:33 somente significa que as multidões eram capazes de entender o superficial das parábolas, e no máximo alguns princípios elementares.

Eles são capazes de entender as próprias estórias literais, mas perdem todas ou a maioria das verdades teológicas que elas pretendem comunicar. Um entendimento mais completo é dado aos discípulos em privado através de explicações claras. Por exemplo, a audiência geral pode entender que o semeador semeou as sementes no solo, mas somente umas poucas pessoas receberam a interpretação de que isso significa o ministro pregar a palavra de Deus. Todavia, alguns são capazes de entender as parábolas a um grau maior quando as insinuações são muito óbvias: “Quando os chefes dos sacerdotes e os fariseus ouviram as parábolas de Jesus, compreenderam que ele falava a respeito deles” (Mateus 21:45).

Entre as obras contemporâneas, uma declaração superior sobre Marcos 4:33 é a seguinte: “Havia um *velar* (ou revelação muito parcial) diante das multidões e uma *revelação* (mas somente entendimento parcial) aos discípulos. Esse é o padrão ilustrado no capítulo 4 e assumido por todo o evangelho de Marcos”.<sup>31</sup> Outros estudiosos observam, “...a parábola é um enigma...velando o entendimento deles como a Escritura tinha profetizado... A eles Jesus permaneceu um enigma provocativo...”.<sup>32</sup>

---

Hendrickson Publishers, Inc., 1983, 1989; p. 73-74.

<sup>29</sup> *Matthew Henry's Commentary, Vol. 5*; Peabody, Massachusetts: Hendrickson Publishers, Inc., 2000; p. 384.

<sup>30</sup> John Gill, *Exposition of the Old and New Testaments, Vol. 7*; Paris, Arkansas: The Baptist Standard Bearer, Inc., 1989 (original: 1809); p. 404.

<sup>31</sup> William L. Lane, *New International Commentary on the New Testament: The Gospel According to Mark*; Grand Rapids, Michigan: William B. Eerdmans Publishing Company, 1974; p. 173.

<sup>32</sup> *The Reformation Study Bible*; Nashville, Tennessee: Thomas Nelson Publishers, Inc., 1995; p. 1567.

As parábolas são em geral difíceis de entender, mas as multidões foram capazes de derivar algumas idéias básicas delas. Por outro lado, os discípulos receberam instruções diretas, mas a inaptidão espiritual deles os impediu do entendimento pleno do que Jesus disse. Somente essa interpretação explica todo o registro bíblico sobre o assunto, enquanto as outras falham em levar em conta a afirmação de Jesus de que as parábolas tinham o propósito explícito de impedir a iluminação espiritual.

Todavia, Jesus também usou discurso claro ao falar às multidões quando ele achou apropriado. Sem citar os versículos, em Lucas 4:18-21, Jesus lê o profeta Isaías, e então declara claramente que a profecia tinha sido cumprida. Nos versículos 24-27, ele cita o registro histórico com respeito a Elias e Eliseu, faz uma observação relevante com respeito ao ministério deles, e diz: “Nenhum profeta é aceito em sua terra” (v. 24). O discurso foi claro, e assim, as pessoas entenderam; como resultado, eles tentaram matá-lo (v. 28-29).

Para citar um exemplo do Antigo Testamento, Davi falhou em ver a si mesmo na estória de Nata, até que o profeta disse: “Você é esse homem!” (2 Samuel 12:7). Então Natã fornece a explicação em linguagem clara: “Assim diz o SENHOR, o Deus de Israel: ‘Eu o ungi rei de Israel e o livre das mãos de Saul. Dei-lhe a casa e as mulheres do seu senhor. Dei-lhe a nação de Israel e Judá. E, se tudo isso não fosse suficiente, eu lhe teria dado mais ainda. Por que você desprezou a palavra do SENHOR, fazendo o que ele reprova? Você matou Urias, o hitita, com a espada dos amonitas e ficou com a mulher dele’” (v. 7-9).

Sem já conhecer o pleno contexto do incidente, seria impossível derivar tal interpretação somente a partir da estória nos versículos 1-4. Para testar isso, leia os versículos 1-4 a alguém que seja totalmente ignorante dessa parte da Bíblia, e veja se ele chegará ao entendimento dos versículos 7-9 por si próprio. Novamente, isso mostra que as estórias são difíceis de entender sem explicações explícitas.

João 10:6 diz: “Jesus usou essa comparação, mas eles não compreenderam o que lhes estava falando”. E em João 16:29-30, seus discípulos lhe disseram: “Agora estás falando claramente, e não por figuras. Agora podemos perceber que sabes todas as coisas e nem precisas que te façam perguntas. Por isso cremos que vieste de Deus”. Jesus respondeu: “Agora vocês crêm?” (v. 31). Para facilitar o entendimento e a fé, alguém deve minimizar o uso de estórias, e explicar em linguagem clara qualquer narrativa sobre a qual ele escolhe pregar.

Explicando a morte sacrificial do Messias aos seus discípulos abatidos, em seu estado pós-ressurreição (Lucas 24:17), Jesus prova a proposição “o Cristo [tinha que] sofrer estas coisas, para entrar na sua glória” (v. 26), não pelo uso de estórias e ilustrações, mas pelo processo de exegese bíblica, considerada tediosa por muitos: “...começando por Moisés e todos os profetas, explicou-lhes o que constava a respeito dele em todas as Escrituras” (v. 27).

O versículo 45 diz: “Então ele lhes abriu o entendimento, para que pudessem compreender as Escrituras”. Pode algo ser mais claro do que isso? As estórias e outros artifícios retóricos não ajudam no entendimento, mas o falar claro capacita alguém a declarar seu significado com clareza e precisão. Então somente pela graça de Deus a mente de uma pessoa será aberta para entender teologia.

Portanto, o fato de que a Bíblia contém muitas narrativas não significa que devemos adotar tal procedimento em nossa pregação; apenas significa que devemos palestrar sobre o significado dessas estórias. Os apóstolos palestraram e escreveram claramente sobre o

significado e implicações das narrativas bíblicas, bem como exposições sobre novas revelações dadas a eles através de inspiração especial; eles não usaram histórias com um meio para ensinar as verdades bíblicas.

Admitidamente, o Apocalipse foi escrito pelo apóstolo João, e está cheio de elementos figurados. Quantas pessoas o entendem? Se um ministro prega sobre o Apocalipse, ele deve dar explicações claras e literais de suas passagens, antes do que usar um apocalipse para explicar outro.

Novamente, os apóstolos disseram a Jesus que a linguagem clara é mais fácil de entender do que as histórias, parábolas e figuras de linguagem (João 16:29-30). Portanto, embora Jesus tivesse suas próprias razões para usar parábolas, se um orador quer realmente ser entendido, ele deve limitar seu uso de histórias. Certamente ele deve expor sobre as narrativas e parábolas bíblicas, e até mesmo sobre os apocalipses de Daniel e João, mas isso usando a linguagem clara para explicar as histórias e figuras de linguagem, e não usando histórias para explicar verdades divinas.

## 6. UM MINISTÉRIO ABRANGENTE

Todas essas páginas são apenas para desvelar os significados e implicações da primeira palavra em 2 Timóteo 4:2. O restante do versículo, entre outras coisas, nos diz algo sobre o conteúdo de nossa pregação: “Pregue a Palavra, esteja preparado a tempo e fora de tempo, repreenda, corrija, exorte com toda a paciência e doutrina”. Nós temos descoberto o que significa pregar; agora consideraremos o que devemos pregar.

“Pregue a Palavra”, Paulo ordena. A *Palavra*, ou *logos*, tem uma tamanha significância teológica e filosófica que alguém pode escrever um livro inteiro sobre ela. Aqui estamos interessados somente no que ela pode nos dizer sobre o conteúdo das mensagens que devemos pregar. Seria mais fácil se chegássemos a esse ponto em nosso estudo como um resultado de já ter exposto tudo de 1 Timóteo, e todas as porções anteriores de 2 Timóteo. Mas visto que não temos feito, eu apontarei diversas passagens que parecem ser diretamente relevantes.

Paulo escreve no início de 2 Timóteo: “Portanto, não se envergonhe de testemunhar do Senhor, nem de mim, que sou prisioneiro dele, mas suporte comigo os meus sofrimentos pelo evangelho, segundo o poder de Deus, que nos salvou e nos chamou com uma santa vocação, não em virtude das nossas obras, mas por causa da sua própria determinação e graça. Esta graça nos foi dada em Cristo Jesus desde os tempos eternos, sendo agora revelada pela manifestação de nosso Salvador, Cristo Jesus. Ele tornou inoperante a morte e trouxe à luz a vida e a imortalidade por meio do evangelho. Deste evangelho fui constituído pregador, apóstolo e mestre” (1:8-11).

Esses versículos contêm referências à eleição divina, à encarnação, à expiação e à vida eterna (v. 9-10). A ressurreição é também implicada no fato de ser dito que Cristo “tornou inoperante a morte” (v. 10). É essa mensagem que Paulo proclama como um “pregador, apóstolo e mestre” (v. 11). Obviamente, diversos versículos não podem sumarizar tudo o que Paulo pregava, mas em outro lugar descobrimos que ele proclamava aos seus ouvintes “toda a vontade de Deus” (Atos 20:27).

Então, nos versículos 13-14, o apóstolo instrui Timóteo a guardar a mensagem que ele tinha ouvido: “Retenha, com fé e amor em Cristo Jesus, o modelo da sã doutrina que você ouviu de mim. Quanto ao que lhe foi confiado, guarde-o por meio do Espírito Santo que habita em nós”. Por “guarda o bom depósito”<sup>33</sup>, Timóteo não deve apenas reter e viver o ensino de Paulo, mas deve também espalhá-lo, visto que ele lhe diz: “E as palavras que me ouviu dizer na presença de muitas testemunhas, confie-as a homens fiéis que sejam também capazes de ensinar outros” (2 Timóteo 2:2).

Se Paulo proclama “toda a vontade de Deus”, e Timóteo deve continuar a pregar tudo o que ele ouviu do apóstolo, isso significa que Timóteo deve pregar “todo o corpo de verdade revelada”<sup>34</sup> também. Além do mais, Jesus ordena seus discípulos a ensinarem seus ouvintes “a obedecer a tudo o que eu lhes ordenei” (Mateus 28:20). O conteúdo da pregação é, portanto, tudo o que a Bíblia diz e implica.

<sup>33</sup> Nota do tradutor: Na NIV, versão do autor: “Guarda o bom depósito que lhe foi confiado, guarde-o com a ajuda do Espírito Santo que habita em nós”.

<sup>34</sup> Wuest, p. 154.



Não subestime a importância de estabelecer o escopo de nossa pregação. Há aqueles que, usando 2 Timóteo 4:2 ou outras passagens,<sup>35</sup> tentam limitar o conteúdo da pregação, pelo menos ao incrédulos, ao que eles chamam materiais “evangelísticos”. Eles podem apontar que 2 Timóteo 4:5 diz para “fazer a obra de um evangelista”. Contudo, como temos visto anteriormente, baseado no contexto de 4:2 nessa carta, a audiência consiste principalmente de crentes e de falsos mestres. Timóteo tinha sido instruído para instruir e advertir os primeiros, e refutar os últimos. Mesmo que o versículo 5 pretendesse ser um mandamento para evangelizar incrédulos, isso não controla o conteúdo de pregação que o versículo 2 pretende expressar.

Também, os anti-intelectuais que desejam limitar o escopo da pregação não podem definir o número mínimo de verdades doutrinárias requeridas que devemos pregar para realizar o que eles consideram ser evangelismo. Talvez eles concordariam que é necessário pregar sobre a expiação. Mas a expiação pressupõe a encarnação; a encarnação pressupõe a deidade de Cristo; a deidade de Cristo pressupõe a Trindade. A necessidade de uma expiação pressupõe a queda do homem; a queda do homem pressupõe a doutrina do homem como a imagem de Deus; que o homem é a imagem de Deus pressupõe a criação; criação pressupõe Deus e suas criaturas; e também o supralapsarianismo.

Estudar a Trindade resulta nas formulações doutrinárias com respeito à geração eterna do Filho, a definição de personalidade (que então carrega a doutrina do homem), e um exército de outros assuntos. A encarnação de Cristo deve ser harmonizada com a imutabilidade de Deus, e seu nascimento sem pecado com a representatividade federal de Adão, e esse último com a justiça e soberania de Deus. Afirmar todas essas doutrinas pressupõe a inspiração e infalibilidade da Escritura. Isso é apenas uma pequena demonstração de como todas as doutrinas bíblicas estão inter-relacionadas, mostrando que não é possível para alguém que restringe o escopo bíblico de sua pregação ter um ministério adequado.

“Toda a Escritura”, Paulo diz, “é inspirada por Deus e útil para o ensino, para a repreensão, para a correção e para a instrução na justiça, para que o homem de Deus seja apto e plenamente preparado para toda boa obra” (2 Timóteo 3:16-17). O ministério doutrinário não deve ser somente acurado, mas também abrangente. Paulo foi capaz de dizer: “Portanto, eu lhes declaro hoje que estou inocente do sangue de todos. Pois não deixei de proclamar-lhes toda a vontade de Deus” (Atos 20:26-27). Alguém que prega somente materiais “evangelísticos” aos incrédulos e somente verdades “práticas” aos crentes não tem cumprido seu ministério, e é culpado aos olhos de Deus.

Nossa incapacidade de mortalidade pode nos impedir de ensinar às pessoas absolutamente tudo o que há para se saber, mas devemos nos esforçar para sermos abrangentes. A Escritura também prescreve a profundidade do ministério doutrinário: “Entretanto, falamos de sabedoria entre os que já têm maturidade...falamos da sabedoria de Deus, do mistério que estava oculto, o qual Deus preordenou, antes do princípio das eras, para a nossa glória...O Espírito sonda todas as coisas, até mesmo as coisas mais profundas de Deus...Nós,não recebemos o espírito do mundo, mas o Espírito procedente de Deus, para que entendamos...” (1 Coríntios 2:6-7,10,12). Devemos tomar o apóstolo Tiago seriamente quando ele diz: “Meus irmãos, não sejam muitos de vocês mestres, pois vocês sabem que nós, os que ensinamos, seremos julgados com maior rigor”. Assumir a função, e sua honra, traz também com ela todas as responsabilidades implicadas pela posição.

---

<sup>35</sup> Uma passagem dessas pode ser 1 Coríntios 2:2, mas isso é uma interpretação errônea, como pode ser visto a partir do versículo 6, na pregação de Paulo em Atenas, e em suas cartas.

## 7. NOTAS E ENTREGA

Uma pergunta comum feita pelos pregadores é se alguém deve escrever a mensagem que ele irá pregar, ou se um esboço pode ser suficiente. Dado a abrangência e profundidade requerida na pregação mencionada anteriormente, escrever o sermão inteiro parece ser preferível. Mas alguns argumentam que a pregação deveria ser feita sem quaisquer notas — não que possamos fazer sem preparação, mas somente que os materiais devem ser absorvidos o suficiente de forma que a pessoa não precise de nenhuma nota para a apresentação real.<sup>36</sup>

A preocupação dessa última visão é que usar nota impede que a entrega do sermão seja eficaz, visto que o orador pode se tornar monótono e rígido, e falhar em engajar apropriadamente sua audiência. É desnecessário dizer que esse ponto de vista é especialmente oposto a se escrever o sermão palavra por palavra. Endereçaremos uma questão relacionada mais abaixo, que torna essa e outras preocupações semelhantes sem importância, e assim, nega os argumentos que favorecem a pregação sem notas. Minha posição é que as notas não são requeridas se alguém conhece seus materiais muito bem, mas é preferível usá-las.

De qualquer modo, poucos objetariam a se seguir um esboço quando pregando uma mensagem. Um esboço preparado capacita o orador a estruturar os seus pensamentos, assegurando assim uma apresentação coerente dos materiais, e ajuda a evitar o tipo de livre associação ou fluxo de consciência no estilo da pregação, que se passa por inspiração tão comumente nos sermões contemporâneos.

O debate real é se um sermão inteiro deve ser escrito e lido para a audiência durante a entrega. Karl Barth insiste que isso deve ser feito; ele dá suas razões:

O pré-requisito básico na execução é escrever o sermão... um sermão é um discurso que preparamos palavra por palavra e escrevemos. Somente isso está de acordo com sua dignidade. Se é verdade em geral que devemos dar conta de cada palavra ociosa, devemos agir assim especialmente em nossa pregação. Porque a pregação não é uma arte que alguns podem ser mestres porque são bons oradores e outros somente trabalhando com o sermão escrito. O sermão é um evento litúrgico... eles podem entrar nesse ministério somente após completa reflexão, para o melhor do seu conhecimento, e com uma clara consciência. Cada sermão deveria estar pronto para impressão, assim como deveria estar antes da entrega...

Essa demanda é uma regra absoluta para todos. Podemos roubá-la de sua validade universal, aplicando-a somente a pregadores jovens até que eles tenham a prática necessária. Há grande perigo nesse tipo de pensamento...<sup>37</sup>

Advogados da pregação sem notas geralmente dão somente razões pragmáticas, tais como que elas impedem a entrega, e quando falando contra escrever cada palavra, apresentam o esforço extra demandado do pregador. Contudo, alguém pode sempre encontrar um contra-exemplo pra cada objeção pragmática. Jonathan Edwards escrevia seus sermões e lia seus manuscritos durante a entrega. Relatos de testemunhas oculares indicam que ele dificilmente tirava os olhos de suas notas, e, todavia, ele foi um dos maiores reavivalistas que já existiram.

<sup>36</sup> Charles W. Koller, *How to Preach Without Notes*; Baker Book House, 1997.

<sup>37</sup> Karl Barth, *Homiletics*; Louisville, Kentucky: Westminster John Knox Press, 1991; p. 119-120.



Essa foi a forma na qual ele entregou seu famoso *Pecadores nas Mãos de um Deus Irado*, e seus ouvintes foram mais do que um pouco afetados, alguns gritavam tão alto que num certo ponto ele teve que parar e pedir-lhes que ficassem quietos, para que ele pudesse terminar de ler o seu manuscrito.

Outro exemplo podem ser os discursos via rádio de Winston Churchill. Para citar Mortimer Adler:

Ouvi-o no rádio durante os primeiros dias da Segunda Guerra Mundial; eu escutei com admiração o que parecia ser um discurso belamente organizado, eloquentemente entregue com todas as hesitações e pausas que indicam improvisação da sua parte. Houve muitos momentos quando ele parecia estar buscando a palavra certa chegar. Mas a verdade da questão era, como descobri mais tarde, que o discurso foi completamente escrito e entregue com tanta perspicácia que ele tinha todas as qualidades de um discurso improvisado.<sup>38</sup>

Certamente, isso tem a ver com transmissões via rádio, e não com um discurso apresentado em pessoa. Mas ela ainda mostra que as objeções baseadas na entrega, embora eu argumentarei que elas não são importantes, podem ser sobrepujadas.

Argumentos pragmáticos são quase sem valor. Alguém deve dar o tipo de razões teológicas que Barth oferece acima. Enfatizar a entrega é pragmático, e assim, falha em convencer, mas as preocupações teológicas nos compelem a preferir a profundidade e a precisão em nossos sermões. Escrever os sermões em sua inteireza ajuda a alcançar essas qualidades.

Tendo feito desta uma questão teológica ao invés de pragmática, alguns podem argumentar que os apóstolos nunca escreveram os seus sermões; antes, eles foram inspirados pelo Espírito Santo. Esse argumento é irrelevante visto que ninguém possui inspiração do mesmo tipo hoje. O Espírito Santo pode nos “inspirar” no sentido de fazer nossas mentes eficazes e capazes, mas o tipo de inspiração que os apóstolos e profetas tinham era única a eles. Certamente ninguém pode adicionar nada à Escritura, pois o cânon do Novo Testamento já foi completado.

Muitas pessoas não entendem 1 Coríntios 2:13, e tentam em vão aplicá-lo diretamente a si mesmos: “Delas também falamos, não com palavras ensinadas pela sabedoria humana, mas com palavras ensinadas pelo Espírito, interpretando verdades espirituais para os que são espirituais”.<sup>39</sup> Isso se refere à inspiração dada à companhia apostólica de forma que, quando um apóstolo fala como um apóstolo, ele fala as próprias palavras de Deus. Ele não usa as palavras que ele formou para descrever um pensamento que Deus colocou em sua mente, mas as próprias palavras são lhas dada pelo Espírito Santo. Alguém que reivindica inspiração desse tipo hoje é um herege, em cujo caso o problema se torna diferente daquele que estamos discutindo aqui; de qualquer forma, “devemos preparar sermões com oração e trabalho”.<sup>40</sup>

Contudo, é enganoso dizer que os apóstolos e os cristãos primitivos nunca escreveram os sermões dele. Alguns crêem que 1 Pedro pode ter sido um sermão batismal escrito pelo

<sup>38</sup> Adler, p. 69.

<sup>39</sup> Sem colocar a disputa ao redor desse versículo, permanece a questão de que os apóstolos foram inspirados de uma maneira única. Veja João 14:26, 16:13; 1 Coríntios 14:37; 1 Tessalonicenses 4:2, 8; 2 Pedro 3:2; 1 João 4:6.

<sup>40</sup> Barth, p. 120.

apóstolo cujo nome ele carrega,<sup>41</sup> e Ronald Nash argumenta que “a Epístola aos Hebreus é realmente um tipo de sermão escrito”,<sup>42</sup> de autoria de Apolo. Mesmo que nada disso seja verdade, Paulo diz que suas cartas devem ser lidas às igrejas: “Depois que esta carta for lida entre vocês, façam que também seja lida na igreja dos laodicenses, e que vocês igualmente leiam a carta de Laodicéia” (Colossenses 4:16); “Diante do Senhor, encarrego vocês de lerem esta carta a todos os irmãos.” (1 Tessalonicenses 5:27). E se os apóstolos nunca escreveram seus sermões, os pais da igreja primitiva escreveram o suficiente para encher volumes.

Há boas razões, portanto, para escrever nossos sermões em sua inteireza, e ler a partir dos manuscritos durante a entrega. Mas se essa prática se torna um dever moral para o pregador, como Barth mantém, não investigaremos.

---

<sup>41</sup> Mas veja Wayne Grudem, *Tyndale New Testament Commentaries: 1 Peter*; Grand Rapids, Michigan; William B. Eerdmans Publishing Company, 2000 (original: 1988); p. 40-41.

<sup>42</sup> Ronald H. Nash, *The Meaning of History*; Nashville, Tennessee: Broadman and Holman Publishers, 1998; p. 47.

## 8. LITERATURA CRISTÃ

Isso me permite uma transição natural para discutir o lugar das publicações escritas no ministério doutrinário. Lembre-se do que Barth afirma: “Cada sermão deveria estar pronto para impressão, assim como deveria estar antes da entrega”.<sup>43</sup> Note também que: “Nos encontros de sociedades cultas ou de associações acadêmicas... O orador sabe de antemão que é esperado submeter seu discurso, como entregue, para subsequente publicação nos procedimentos da conferência”.<sup>44</sup>

Visto que sermões e palestras que são plenamente escritos já estão preparados para publicação, devemos considerar o lugar da leitura no ministério doutrinário e no desenvolvimento espiritual do crente. É verdade que um sermão escrito pode ser diferente em diversos aspectos daquele que é pretendido ser um artigo sem a intenção para entrega orar, mas para os nossos propósitos as diferenças são insignificantes.

Os dois não devem ser totalmente diferentes em primeiro lugar — eu não encontro nenhum problema em entregar o presente artigo como um sermão (ou dividi-lo numa série de sermões), ou pregar lendo um capítulo de um dos meus livros. Lembre-se, eu tenho estabelecido que um sermão é uma palestra; o que eu escrevi como um sermão não tem que ser totalmente diferente de um artigo ou parte de um livro. Portanto, nessa seção não iremos nos referir somente aos sermões escritos, mas a toda literatura cristã em geral.

Pode ser uma coisa perigosa ser de alguma forma proficiente em estudos da palavra sem conhecer o suficiente sobre a revelação bíblica como um sistema. O significado da palavra é finalmente determinado pelo seu uso e fundo teológico, não meramente por sua definição no dicionário. Falhando em observar esse princípio, William Barclay escreve: “O próprio fato de que a palavra *logos* é usada para a mensagem cristã é muito significativa. Ela significa uma *mensagem falada*, e, portanto, significa que a mensagem cristã não é algo que é aprendida de livros, mas algo que é transmitido de pessoa para pessoa”.<sup>45</sup>

Se isso é verdade, seu comentário inteiro de 17 volumes sobre o Novo Testamento não contém a mensagem cristã, nem podem os seus diversos outros livros nos iluminar sobre a natureza do Cristianismo. Muito mais perplexo é o fato de que temos lido a Bíblia durante todo esse tempo. A partir do que ele diz, ela certamente não pode ser a mensagem cristã.

Contudo, no mesmo parágrafo ele diz: “A mensagem cristã vem muito mais frequentemente através do viver a personalidade do que através de uma página impressa ou escrita”.<sup>46</sup> Contudo, se “a mensagem cristã não é algo que é aprendido de livros”, então isso deve significar que ela *sempre* vem a partir da palavra falada. Para ele então dizer que ela somente “muito mais frequentemente” vem dessa forma significa que ela *algumas vezes* vem a partir da página escrita, e assim, contradiz sua declaração anterior. Mas “algumas vezes” ainda não é bom o suficiente — tudo o que sabemos sobre a mensagem cristã vem a partir dos escritos dos apóstolos e profetas.

Sinclair Ferguson traz nossa atenção para o exemplo de Lutero:

---

<sup>43</sup> Barth, p. 119.

<sup>44</sup> Adler, p. 73.

<sup>45</sup> William Barclay, *New Testament Words*; Louisville, Kentucky: Westminster John Knox Press, 1964, 1974; p. 179.

<sup>46</sup> *Ibid.*, p. 179.

No começo do seu ministério, Martinho Lutero, o reformador, tinha pouco tempo para a literatura cristã. Como outros desde então, ele tendia a considerar a literatura cristã como antagonista ao espírito do evangelho. O evangelho, ele dizia, é sobre a palavra pregada e a que devemos pregar. Todavia, o mesmo Martinho Lutero (incrível como possa parecer) foi responsável por um terço de todos os livros publicados no idioma alemão na primeira metade do século 16! Em toda estante de livros na Alemanha, um a cada três livros tinha provavelmente Lutero como autor!

Por que isso? Lutero viu que escrevendo ele poderia espalhar a mensagem do evangelho e a alegria da Reforma; lendo, o povo cristão poderia crescer em graça e a igreja de Jesus Cristo seria edificada e fortalecida.

Pense sobre as biografias que você já leu. Não é verdade que a maioria dos cristãos grandemente usados foram homens e mulheres que estavam sempre usando, num sentido ou noutro, material impresso? Assim, no propósito de Deus, usar literatura cristã tem sido um sinal de vitalidade no povo de Deus...Há muitas razões para isso. Uma é que a fé cristã é uma fé da mente...<sup>47</sup>

Eu fico feliz por Ferguson mencionar a natureza da fé. Romanos 10:17 diz: “Conseqüentemente, a fé vem por se ouvir a mensagem, e a mensagem é ouvida mediante a palavra de Cristo”. A partir desse versículo, eu tenho ouvido o argumento feito de que a fé vem por se ouvir, não por se ler, e, portanto, somente a pregação estimula a fé. Os menos extremos pensam que ouvir é pelo menos melhor para produzir fé do que ler. Mas o versículo não nega que a fé possa vir da leitura, nem diz que ouvir é melhor.

Lançar dúvida sobre a eficácia de se ler baseando-se nesse versículo é contradizer o ensino bíblico. O apóstolo João diz: “Jesus realizou na presença dos seus discípulos muitos outros sinais miraculosos, que não estão registrados neste livro. Mas estes foram escritos para que vocês creiam que Jesus é o Cristo, o Filho de Deus e, crendo, tenham vida em seu nome” (João 20:30-31).

Observe: “...estes foram *escritos* para que vocês *creiam*...”. A fé vem do ler assim como do ouvir. Essa passagem por si só é conclusiva contra a idéia de que “a mensagem cristã não é algo que é aprendida de livros”. Além da Bíblia, nenhuma literatura escrita carrega a autoridade divina, mas isso é também verdadeiro com respeito à pregação. À extensão em que nossa mensagem escrita é fiel à Escritura, ela é um meio eficaz através do qual Deus pode gerar fé nas mentes dos leitores. A regeneração vem somente da ação direta de Deus dentro da pessoa, mas a mensagem cristã em si *pode* ser aprendida de livros.

Ferguson percebe que “a fé cristã é uma fé da mente”. A questão crucial, portanto, não é se a mensagem é falada ou escrita, embora as palavras escritas sejam superiores quando elas vêm com precisão e permanência. O que importa é se a informação intelectual adequada tem sido transmitida com sucesso. Isso sendo assim, a mensagem cristã produz fé mesmo quando comunicada através de linguagem de sinais, como pode ser feito quando ministrando aos surdos.

---

<sup>47</sup> Sinclair B. Ferguson, *Read Any Good Books?*; Carlisle, Pennsylvania: The Banner of Truth Trust, 1992; p. 2-3.

Se fosse apontar que a longevidade das idéias escritas tende a ser maior do que aquelas meramente falas, alguns iriam invariavelmente objetar que Jesus nunca escreveu um livro. Esse ponto tem sido repetido continuamente, usualmente no contexto de tentar mostrar quão influente Jesus tem sido a despeito dele não ter escrito nada. Mas é embaraçoso como tal argumento pode ser feito por pessoas que têm lido os quatro evangelhos e as cartas de Paulo, onde a vida, as palavras e as idéias de Cristo foram registradas na forma escrita. É insignificante se o próprio Cristo escreveu algo — a questão é: qual seria o *status* do Cristianismo hoje, se o Novo Testamento nunca tivesse sido escrito?

Objecções contra escrever e ler literatura cristã pode parecer ser o resultado de um preconceito contra itens e atividades que carregam conotações acadêmicas. O Cristianismo, de acordo com eles, é supostamente para ser cheio de vida, dinâmico, criativo e pessoal. E para eles, livros não são nenhuma dessas coisas. Que devemos então enfatizar a pregação, uma forma de comunicação verbal e, assim, uma atividade intelectual, já lhes causa dor suficiente. Uma vez que rejeitamos tal absurdo anti-intelectual, a oposição contra os materiais escritos será deixada de lado sem justificação.

## 9. REFUTE! REPREENDA! RELEMBRE!

Consideraremos o restante de 2 Timóteo 4:2: “Pregue a palavra, esteja preparado a tempo e fora de tempo, repreenda, corrija, exorte com toda a paciência e doutrina”. Além de ordenar Timóteo a pregar a palavra de Deus, Paulo também o dirige sobre quando ele deve pregar, e que formas sua pregação tomará. O apóstolo lança o princípio de que a pregação é universal em diversas formas: ela deve propagar o escopo todo da revelação bíblica, ela é sempre apropriada como uma forma de expressão ministerial, e ela funciona para endereçar todos os tipos de necessidade — para “corrigir, repreender e encorajar” (NIV).

Que toda a Escritura deve ser proclamada através da pregação já tem sido estabelecido, mas Paulo continua e diz que esse ministério deve ser realizado em todo o tempo: “esteja preparado a tempo e fora de tempo”. As palavras “esteja preparado” significa “estar pronto”, “ser persistente”, ou “esteja a postos”. Lenski prefere “esteja à mão”, pelo qual ele pretende dizer “esteja pronto imediatamente!”.<sup>48</sup> Timóteo deveria estar ali pregando, não importa qual condição houvesse.

Quanto ao significado de “a tempo e fora de tempo”, uma tradução melhor é a da NRSV, que traz “quer o tempo seja favorável ou desfavorável”. Pode parecer razoável assumir que tipos diferentes de ministério são próprios para ocasiões diferentes. Há um tempo para oração, um tempo para música, um tempo para comunhão, um tempo para aconselhamento e um tempo para pregação. Contudo, Paulo diz que a pregação é apropriada para todos os tempos. Não faz diferença se a ocasião é um funeral ou um casamento, se estamos na igreja ou na mesa de jantar, se a audiência é amigável ou hostil, se ela consiste de adultos ou de crianças — a pregação deve ser feita em todas as ocasiões, ela tem prioridade sobre todos os outros ministérios. Até quando alguém pensar que certa situação é “desfavorável” para com a pregação, esse é o tempo para pregar. E quando o tempo de tomar “favorável”, Paulo diz, pregue novamente.

A pregação pode tomar diversas formas. Como mencionado anteriormente, embora uma palestra possa informar, ela também “corrige, repreende e encoraja”. Por “corrige”, o “desaprove”<sup>49</sup> de Lattimore é aceitável, dado o “demandar explicação, mostrar a alguém a sua falta...”<sup>50</sup> de Thayer. Deveríamos “sobrepular em argumento” e “refutar conclusivamente”<sup>51</sup> os falsos mestres. A palavra é usada para “a exposição e reprimenda dos falsos mestres do Cristianismo”<sup>52</sup> em Tito 1:9: “E apegue-se firmemente à mensagem fiel, da maneira como foi ensinada, para que seja capaz de encorajar outros pela sã doutrina e de *refutar* os que se opõem a ela”. Mounce tem “confrontar”.<sup>53</sup> Se como Wuest diz, a palavra “fala de um repreensão que resulta na confissão da pessoa de sua culpa, ou se não sua confissão, sua convicção de pecado”,<sup>54</sup> então “convencer”<sup>55</sup> de

<sup>48</sup> R. C. H. Lenski, *Commentary on the New Testament: The Interpretation of St. Paul's Epistles to the Colossians, to the Thessalonians, to Timothy, to Titus, and to Philemon*; Peabody, Massachusetts: Hendrickson Publishers, Inc., 2001 (original: 1937); p. 852.

<sup>49</sup> Richmond Lattimore, *The New Testament*; New York: North Point Press, 1996; p. 462.

<sup>50</sup> Thayer, p. 203.

<sup>51</sup> Merriam-Webster's Collegiate Dictionary, Tenth Edition; “confute”.

<sup>52</sup> Thayer, p. 203.

<sup>53</sup> William D. Mounce, *Word Biblical Commentary, Vol. 46: Pastoral Epistles*; Nashville, Tennessee: Thomas Nelson Publishers, Inc., 2000; p. 574.

<sup>54</sup> Wuest, p. 155.

Lenski transmite o significado com sucesso. O ministro deve *desaprovar* (ou refutar por argumento) o herege, e possivelmente trazê-lo a uma *convicção* sobre os seus erros.

”Repreenda” na NIV é acurado, mas alguém precisa perceber que a palavra refere-se a uma reprimenda dura, não uma advertência gentil. Ela é usada em conexão com exorcismo no ministério de Jesus: “Quando Jesus viu que uma multidão estava se ajuntando, *repreendeu* o espírito imundo, dizendo: “Espírito mudo e surdo, eu ordeno que o deixe e nunca mais entre nele” (Marcos 9:25).

Um falso conceito de amor bíblico tem feito muitos considerar diversas reprimendas como comportamento anti-cristão, mas a Escritura indica outra coisa: “Melhor é a repreensão feita abertamente do que o amor oculto” (Provérbios 27:5); “Os que pecarem deverão ser repreendidos em público, para que os demais também temam” (1 Timóteo 5:20); “Tal testemunho é verdadeiro. Portanto, repreenda-os severamente, para que sejam sadios na fé” (Tito 1:13); “É isso que você deve ensinar, exortando-os e repreendendo-os com toda a autoridade. Ninguém o despreze” (Tito 2:15).

O amor bíblico requer que uma pessoa repreenda a outra duramente sob certas circunstâncias. Aqui em particular, Paulo diz para Timóteo repreender outros por sustentarem falsas doutrinas. Isto é, para reprová-los duramente, com uma ameaça de “penalidade iminente”.<sup>56</sup> Thayer define a palavra como “taxar com falta...desaprovar, repreender, reprová-lo, censurar severamente”.<sup>57</sup> Tanto “repreender” como “reprovar” são boas traduções, enquanto os leitores ingleses entenderem a força da palavra, e a severidade da reprimenda intencionada.

Gordon Fee prefere “urgir”<sup>58</sup> antes do que “encorajar”. A palavra pode ser mais gentil do que as duas primeiras, mas Lenski pensa que, talvez dado o contexto, “o significado dificilmente pode ser... confortar”, e, ao invés disso, prefere “admoestar”.<sup>59</sup> “Exortar” recebe múltiplos endossos. Uma ternura para a aliteração pode justificar a tradução: “Refute! Repreenda! Relembre!” — embora *relembre* possa não ser preciso o suficiente, a menos que entendido como “admoestar”; de qualquer forma, “refute, reprove, exorte”<sup>60</sup> é mais do que aceitável.

Há cinco imperativos aoristos no versículo, e assim, Mounce os traduz da seguinte forma: “Pregue a palavra! Esteja preparado quando for oportuno ou importuno! Confronte! Repreenda! Exorte! — com toda paciência e ensino”.<sup>61</sup> O segundo parece qualificar o primeiro, como assumido quando as palavras foram discutidas acima. O ministro deve pregar; o conteúdo de sua pregação é toda a palavra de Deus. Em sua pregação, ele deve refutar aqueles que crêem em falsas doutrinas, refutá-los de forma que eles possam ser sãos na fé, e exortá-los ou urgi-los a crer e obedecer a verdadeira fé. Isso pode ser uma tarefa muito cansativa, e, portanto, requer “grande paciência” (2 Timóteo 4:2).

---

<sup>55</sup> Lenski, p. 853.

<sup>56</sup> Wuest, p. 155.

<sup>57</sup> Thayer, p. 245.

<sup>58</sup> Fee, p. 285

<sup>59</sup> Lenski, p. 853

<sup>60</sup> Lattimore, p. 462.

<sup>61</sup> Mounce, p. 553



A base sobre a qual alguém executa tudo do exposto acima é a “doutrina” (v. 2, KJV). Nós refutamos com argumentos o herege, de forma que ele possa ver o erro de sua falsa *doutrina*; nós o repreendemos de forma que ele possa ser advertido das conseqüências de aderir a tal *doutrina*; nós então o exortamos a crer e viver de acordo com a verdadeira *doutrina*. “A doutrina é o fundamento e a fonte de toda vida religiosa, a falsa doutrina de uma vida religiosa falsa, a doutrina verdadeira da religião genuína e da vida verdadeiramente cristã. Toda Escritura, que é cheia de fatos religiosos, é doutrina...Estar sem esta doutrina é ser deixado nas trevas...é ser levado de um lado para o outro por todo vento de falso ensino, como um navio desprotegido que está à mercê das ondas...uma condição lastimável”.<sup>62</sup> Mounce pensa que a ênfase aqui está sobre o ato de ensinar antes do que sobre o que é ensinado; contudo, ele admite que “é o evangelho, a palavra, que é ensinado”.<sup>63</sup> Um ministro excelente possui tremendos *insights* doutrinários, ele é capaz de conduzir o povo de Deus com “conhecimento e entendimento” (Jeremias 3:15), e ensina a verdade a eles com grande paciência e perseverança.

---

<sup>62</sup> Lenski, p. 853-854.

<sup>63</sup> Mounce, p. 574.



## 10. DEUS DÁ O CRESCIMENTO

Nós temos sumarizado o ministério da pregação como ensinado no versículo 2, e agora chegamos a uma objeção que pode ter sido levantada na mente do leitor há muito tempo atrás: Como pode tal abordagem intelectualista, autoritária, não-prática, sem humor, e sem imaginação ganhar o interesse da audiência? A apresentação não será tediosa, se não repulsiva? E o sermão semelhante a uma palestra, já escrito num manuscrito e lido pelo ministro, não se tornará monótono, senão insuportável?

A questão é colocada nos termos pejorativos que provavelmente refletem a atitude do objeitor, mas temos que tratar com os assuntos relacionados a intelecto, autoridade, pragmatismo, humor e narrativas na pregação, bem como com as vantagens de escrever o sermão. A objeção agora sendo considerada é uma pragmática, a saber, alguém que acha difícil aceitar que tal atitude para com a pregação atrairá alguém, ou produzirá efeito positivo. Podemos repetir nossa afirmação anterior que as preocupações pragmáticas não podem formar nenhuma objeção de forma alguma, mas há mais respostas detalhadas.

Para começar, podemos citar o final do versículo do nosso texto para esse estudo: “Pois virá o tempo em que não suportarão a sã doutrina; ao contrário, sentindo coceira nos ouvidos, juntarão mestres para si mesmos, segundo os seus próprios desejos” (2 Timóteo 4:3). Timóteo é ordenado a pregar da maneira descrita no versículo 2 precisamente porque “virá o tempo em que não suportarão a sã doutrina”. Ele deve refutar, repreender e exortá-los, antes do que se acomodar a eles. A solução bíblica é confrontação, não acomodação.

Adicionalmente, Paulo escreve que essas pessoas “não suportarão a sã doutrina”, pelo contrário, “juntarão mestres para si mesmos, segundo os seus próprios desejos”. Para a pregação de alguém ser naturalmente de interesse para tais indivíduos, tal pessoa deve ser um desses professores que “dizem o que os ouvidos deles com coceira querem ouvir”. O pregador que tem o atrair os seus ouvintes como a sua prioridade, deve então mudar a sua doutrina, não apenas a sua apresentação.

Charles Swindoll fala por muitos quando diz: “A teologia precisa ser interessante”,<sup>64</sup> mas ele está errado. Pelo contrário, *os verdadeiros cristãos estão interessados* em teologia — o conhecimento de Deus é inerentemente desejável aos regenerados, e os separa daqueles que não são. Os pregadores são obrigados a apresentar todo o escopo da revelação bíblica com clareza e exatidão, mas ser atencioso é responsabilidade do ouvinte. Alguém que já não está interessado em teologia deve examinar a si mesmo, para ver se ele está de fato na fé. O versículo 3 diz que muitos não ouvirão; a crise não é que muitos pregadores serão tediosos.

Assumindo que a doutrina do pregador é pura, a Bíblia repreende os ouvintes por não produzirem fruto espiritual, mas com a soberania de Deus como o fator determinante. Jesus explica a parábola do semeador da seguinte forma:

---

<sup>64</sup> Charles R. Swindoll, *Growing Deep in the Christian Life*; Grand Rapids, Michigan: Zondervan Publishing House, 1986, 1995; p. 10.

Quando alguém ouve a mensagem do Reino e não a entende, o Maligno vem e lhe arranca o que foi semeado em seu coração. Este é o que foi semeado à beira do caminho. Quanto ao que foi semeado em terreno pedregoso, este é aquele que ouve a palavra e logo a recebe com alegria. Todavia, visto que não tem raiz em si mesmo, permanece pouco tempo. Quando surge alguma tribulação ou perseguição por causa da palavra, logo a abandona. Quanto ao que foi semeado entre os espinhos, este é aquele que ouve a palavra, mas a preocupação desta vida e o engano das riquezas a sufocam, tornando-a infrutífera. E, finalmente, o que foi semeado em boa terra: este é aquele que ouve a palavra e a entende, e dá uma colheita de cem, sessenta e trinta por um. (Mateus 13:19-23)

“Quem tem ouvidos, ouça” (v. 8), Jesus diz. Quando Deus enviou o profeta Ezequiel para falar a Israel, ele ordenou: “Filho do homem, vá agora à nação de Israel e diga-lhe as minhas palavras” (Ezequiel 3:4, também 12:2). Contudo, ele também diz: “Mas a nação de Israel não vai querer ouvi-lo porque não quer me ouvir, pois toda a nação de Israel está endurecida e obstinada” (v. 7). Israel estava indisposto para ouvir Ezequiel porque suas mentes estavam “endurecidas e obstinadas” contra Deus, não porque Ezequiel era um orador ineficaz.

Assim, Deus disse ao profeta: “Você lhes falará as minhas palavras, quer ouçam quer deixem de ouvir, pois são rebeldes. Mas você, filho do homem, ouça o que lhe digo. Não seja rebelde como aquela nação; abra a boca e coma o que vou lhe dar” (2:7-8). 2 Timóteo 4:2 prescreve para nós o ministério da pregação segundo a tradição dos apóstolos, e recusar falar de uma maneira quando temos sido comissionados para falar dessa forma, é rebelião contra Deus.

Não somente os ouvintes são culpados por rejeitar a mensagem, mas uma recepção positiva da mensagem é correspondentemente creditada à audiência: “Também agradecemos a Deus sem cessar o fato de que, ao receberem de nossa parte a palavra de Deus, vocês a aceitaram, não como palavra de homens, mas conforme ela verdadeiramente é, como palavra de Deus, que atua com eficácia em vocês, os que crêem” (1 Tessalonicenses 2:13).

Para a explanação ser completa, mencionaremos que tudo isso é verdade no nível humano, mas no final das contas é Deus quem opera numa pessoa para desejar e agir: “...pois é Deus quem efetua em vocês tanto o querer quanto o realizar, de acordo com a boa vontade dele” (Filipenses 2:13). Outras passagens relevantes incluem 1 Coríntios 3:6-7 e Romanos 9:18: “Eu plantei, Apolo regou, mas Deus é quem fez crescer; de modo que nem o que planta nem o que rega são alguma coisa, mas unicamente Deus, que efetua o crescimento”; “Portanto, Deus tem misericórdia de quem ele quer, e endurece a quem ele quer”.

Contra a objeção que o tipo de pregação proposta nessas páginas é impossível para a maioria dos ouvintes compreender, a Escritura novamente coloca o dever de captar a mensagem sobre os ouvintes, e enfatiza que Deus é aquele que dá entendimento: “Reflita no que estou dizendo, pois o Senhor lhe dará entendimento em tudo” (2 Timóteo 2:7). Antes do que acomodar aos ouvintes de formas não garantidas por preceitos bíblicos, o pregador deve urgir a congregação a ser mais estudiosa. Contudo, é Deus somente quem dá entendimento. Na pregação eu informo, argumento, repreendo, e exorto com a sã doutrina, mas depende da graça soberana de Deus, que usa as palavras

por meio da quais converte e edifica os ouvintes. Portanto, o “livre-arbítrio” dos humanistas é negado.

O pragmatismo é impraticável, o humor distrai, e a narrativa é ambígua — dê-me uma palestra teológica ao invés disso. Pregue a palavra para mim; refute as falsas doutrinas que desejam me seduzir; repreenda-me nas áreas onde eu posso estar enganado; exorte-me a renovar meu comprometimento de crer e obedecer a Escritura. Passar por todos os tipos de ginásticas retóricas para ocultar a falta de substância do sermão somente gera desdém pelo pregador na minha mente. Se ele estiver fora de si, eu preferiria ouvir um capítulo de um livro-texto de seminário ou de um comentário bíblico, no lugar do que ele pensa ser um sermão apropriado.

Tudo depende da condição dos ouvintes e da obra de Deus dentro deles. Muitas pessoas consideram a Bíblia desinteressante, mas os verdadeiros cristãos não ousam tentar modificar sua mensagem ou apresentação por causa disso, nem eles sentem a necessidade de assim o fazer. Eles percebem que a falta está nos ouvintes, não na Bíblia. Da mesma forma, é responsabilidade dos ouvintes apreciar o tipo de pregação advogada aqui. Do ministro não é requerido fazer o sermão apelativo ao povo. Em resposta à objeção de que ele pode, todavia, tentar fazer algo para capturar a atenção deles, o modo apropriado de fazer um sermão mais interessante é aumentar o seu conteúdo doutrinário, não adicionar piadas e estórias.

Há muito que ser dito ainda, mas tenho delineado muitas das idéias principais. Ao invés de ajustar a apresentação deles à cultura contemporânea, os ministros são autorizados a ordenar os cristãos a serem interessados em ouvir sermões doutrinários. Aquele que odeia entendimento pode continuar odiando-o, mas a necessidade mais urgente na igreja hoje é uma maior compreensão e apreciação intelectual de teologia, que consequentemente fornecerá o único fundamento a partir do qual podemos proceder para resolver as outras questões importantes. O caminho para efetuar tal aprimoramento é através de palestras teológicas, uma forma de ensino que até mesmo o sermão regular deveria assumir.